

## **A Ciência e o Pensamento Anarquista**

### **Kropotkine e o Apoio Mútuo**

**Eixo Temático: Cientistas e Anarquistas**

**Petrônio Medeiros**  
**Petrônio.mlf@gmail.com**

Todas as teorias científicas são construídas em determinado contexto histórico e geográfico<sup>1</sup>, esse contexto influencia profundamente cada uma dessas construções. Muitas teorias, entretanto, foram tomadas como certezas, disseminadas como “verdades”, ao ponto de serem tratadas como naturais.

As teorias são produtos do seu tempo, ou melhor, são produtos de confrontações em contextos específicos, portanto, também a ciência é um campo de disputa que influencia e é influenciada pelo contexto histórico e geográfico no qual está inserida. Assim, algumas idéias se tornaram hegemônicas enquanto outras, formuladas no mesmo período, foram postas à margem, sofrendo restrições em sua divulgação, sendo, por fim, desqualificadas como não científicas.

O pensamento anarquista<sup>2</sup> e muitas de suas teorias sofreram este processo. Contrapondo-se às principais linhas mestras de justificativa e conformação do capitalismo o pensamento anarquista, que foi profundamente crítico e ativo no século XIX e início do século XX, encontra-se marginalizado dos meios científicos atuais, sendo fundamental retomar alguns dos seus pensadores e suas teses que se mostram cada vez mais como instrumentos teóricos e metodológicos bastante ricos para interpretarmos as realidades sociais contemporâneas e suas conformações territoriais.

A ciência moderna surgiu num período histórico/geográfico de consolidação do capitalismo e é profundamente influenciada por este contexto. O capitalismo e suas linhas mestras: o individualismo, a competição, a mercantilização de todos os aspectos da vida, a exploração do capital sobre o trabalho, elementos hoje encarados como

---

<sup>1</sup> Concordamos com Elisée Reclus sobre a relevância de compreender tempo e espaço como dois aspectos que se influenciam mutuamente e, portanto, devem ser considerados na análise do contexto, não se restringindo a análise apenas de um desses aspectos, mas buscando compreender as suas múltiplas intercessões. Pois como afirma Reclus: a história é a geografia do tempo e a geografia é a história do espaço.

<sup>2</sup> É importante evidenciar que há uma diversidade muito grande no que poderia abranger a expressão “pensamento anarquista”, neste caso usamos a expressão nos referindo ao pensamento de Elisée Reclus e Pierre Kropotkine.

naturais, porque cotidianos, em seu surgimento foram percebidos como processo profundamente antinatural, destruidor de humanidade, fragmentador. Michael T. Taussig em sua obra “O Diabo e o Fetichismo da Mercadoria na América do Sul” descreve o surgimento do capitalismo, e cita Ruskin, contemporâneo do surgimento desse sistema e que o denunciava como antinatural.

“Esquece-se com extrema facilidade que em seu começo o capitalismo industrial era descrito por uma eloqüente minoria da Europa ocidental como profundamente desumano e, nesse sentido, antinatural. Com a maturidade desse modo de produção, a noção de ultraje moral se dissipou. (TAUSSIG, 2010, P. 50).”, “E o poderoso grito proveniente de todas as nossas cidades produtoras, mais alto que a explosão da fornalha, é na realidade isto: que nós produzimos tudo, exceto o homem; que alvejamos algodão, aumentamos a resistência do aço, refinamos açúcar e moldamos cerâmica; mas clarear, fortalecer e dar forma a um único espírito nunca fez parte de nossas estimativas de lucro’ (RUSKIN, 1925, v2, p.163)” (...) “A tensão dos primeiros esforços para persuadir seus contemporâneos de que o novo sistema econômico era pernicioso provinha de um elemento crítico: cada vez mais o sistema era visto como algo natural. (TAUSSIG, 2010, P. 51)

Nesse mesmo sentido, o estudo realizado por Taussig ao interpretar a perspectiva de trabalhadores das minas Bolivianas e dos canaviais da Colômbia que associavam a imagem do diabo ao desenvolvimento do capitalismo nos mostra um pouco do sentimento que os primeiros operários confrontados com esse sistema experimentaram.

A consolidação do sistema capitalista se deu juntamente com sua justificação no plano científico, obras como a de Charles Darwin e a perspectiva cartesiana de Isaac Newton foram utilizadas pra justificar o processo de mercantilização da vida, do tempo, do trabalho, dos seres humanos, perspectivas trazidas pelo sistema capitalista.

Taussig nos mostra como os citados cientistas e suas obras contribuíram para uma naturalização das premissas do capitalismo.

Toda lição darwinista sobre a luta pela existência é simplesmente uma transferência da sociedade para a natureza da doutrina hobbesiana do “bellum omnium contra omne”, da doutrina da competição econômico-burguesa e da teoria populacional malthusiana. Quando esse truque mágico ocorre (...) as mesmas teorias são transferidas mais uma vez da natureza orgânica para a história, e afirma-se que foi provada a validade dessas (teorias) como leis eternas da sociedade humana (apud Schmidt, 1971, p. 41) O mesmo pode ser dito sobre a física newtoniana e o papel dos seres humanos que estão subordinados ao controle impessoal do mercado autorregulador – a instituição, senão o próprio “sistema solar” do capitalismo. O esquema de Newton conquistou a eterna admiração de Adam Smith, (...) Para Willian Blake, Newton era o símbolo de uma sociedade de mercado e do uso opressivo da tecnologia e do império que a caracterizavam, e atacava os mesmos “princípios de união” que Adam Smith via como tão favoráveis.”(TAUSSIG, 2010, P. 64-65).

Aos escritos de Darwin no contexto da consolidação do capitalismo sucederam-se outros textos caracterizados como científicos e que trouxeram para o plano social humano as teses darwinistas de luta mútua, e a tese da competição como elemento principal no processo evolutivo.

Entre estes escritos o texto “The Struggle for Life: A programme” publicado em fevereiro de 1888 na revista *The Nineteenth Century*, de autoria de Huxley no qual este autor apresentava a luta pela sobrevivência do mais apto como a única via de todo progresso humano, exerceu grande influência no meio científico da época.

Contrapondo-se frontalmente a esta definição biológica e social Pierre Kropotkine por meio de uma série de artigos publicados na mesma revista *The Nineteenth Century* questionou profundamente estas teses darwinistas, e com base em seus estudos desenvolvidos na Sibéria contrapôs à luta mútua ao apoio mútuo, demonstrando que este último é um fator fundamental para a evolução biológica e social.

Os artigos de Kropotkine inicialmente publicados na revista foram posteriormente reunidos no livro intitulado: *O Apoio Mútuo, um fator de evolução*:

“(Kropotkine) Considera, pois, o manifesto huxleyano como uma interpretação unilateral e, por tanto falsa da teoria darwinista do “struggle for life” e lhe propõe demonstrar que, junto ao princípio da luta (de cuja vigência não duvida), deve-se ter em conta outro, mais importante do que aquele para explicar a evolução dos animais e o progresso do homem. Este princípio é o da ajuda mútua entre os indivíduos de uma mesma espécie (e, as vezes, também entre as de espécies diferentes). O mesmo Darwin tinha admitido este princípio. (...) Em lugar de sustentar como Huxley, que a sociedade humana nasceu de um pacto de não agressão, Kropotkine considera que ela existiu desde sempre e não foi criada por nenhum contrato, senão que foi anterior inclusive à existência dos indivíduos. O homem para ele, não é o que é senão por sua sociabilidade, isto é, pela forte tendência ao apoio mútuo e à convivência permanente. Opõe-se assim ao contratualismo, tanto na visão pessimista de Hobbes (*Homo homini lupus*), que fundamenta o absolutismo monárquico, como na otimista de Rousseau, sobre a qual se considera baseada a democracia liberal. Para Kropotkin como para Aristóteles, a sociedade é tão natural ao homem como a linguagem.” (Anjel J. Cappelletti: Introdução a terceira edição do livro *Apoio Mútuo* em espanhol. 2006).

Assim, Kropotkine escrevendo no mesmo período em que escreveram os darwinistas apresenta, entretanto, perspectiva profundamente diversa da apresentada por esses, mesmo sendo um evolucionista como o eram quase todos os cientistas no século XIX, pois tinham o entendimento de que a humanidade evoluiu da selvageria até a civilização. Kropotkine, junto com outros cientistas, acreditavam que o curso evolutivo continuaria até a superação do capitalismo e a implantação do comunismo, estágio final deste processo de evolução.

Apesar das teses do apoio mútuo terem com amplos fundamentos, confrontado diretamente as teses darwinistas, a sua divulgação comparada à divulgação da idéia de seleção natural pela competição foi ínfima. Isso porque essa tese do apoio mútuo, tão forte porque construída sobre muitas referências, não ganhou reconhecimento científico, ou seja, nas disputas no campo científico foi completamente alijada. A profunda crítica que a tese do apoio mútuo como fator de evolução trazia/traz contra o sistema capitalista, na época em consolidação, influenciou para que ocorresse a marginalização desta teoria.

Segundo Kropotkine, o apoio mútuo está na natureza do homem, nos seus impulsos instintivos, porém como o ser humano não é apenas natureza, mas também cultura, anos de educação dizendo para sermos egoístas, individualistas, indiferentes, fez, segundo esse autor, com que o ser humano reprimisse esse impulso da natureza. Isto é profundamente contestador no sentido de expor o quão profundamente o “espírito do capitalismo” tal como nos explicou Max Weber, nos tornou indiferentes, competitivos, e da maneira pela qual entronizamos como natural um sistema que justifica a exploração e a mercantilização de vários aspetos e dimensões da vida social, política, econômica e afetiva.

Ao demonstrar que o apoio mútuo faz parte da natureza dos seres humanos e dos animais, Kropotkine se contrapõe a uma teoria do individualismo e da competição que já foi naturalizada. Ao evidenciar que, por natureza, buscamos nos apoiar mutuamente e que esse impulso natural é reprimido por uma educação e um modo de vida que nos inspira a competição de todos contra todos e a indiferença para com os semelhantes, Kropotkine nos traz de volta o sentimento de estranhamento diante do sistema capitalista e das mazelas sociais e humanas que este sistema provocou. O capitalismo aparece novamente como Taussig nos mostrou: como anti-natural, grotesco, diabólico.

Não é nossa intenção aqui afirmar que o ser humano por “natureza” é isto ou aquilo, mas sim entender porque a idéia de que a competição é a natureza da evolução se fixou na ciência sendo utilizada para pensar as relações humanas e sociais e não a idéia de que o apoio mútuo seria o motor da evolução. A nosso ver a “natureza humana” influência muito pouco na forma como vemos o mundo, na verdade a forma como vemos o que seria a natureza humana influencia nossa visão de mundo, assim, a forma como vemos o mundo, principalmente a partir da análise de muitos teóricos da ciência foi profundamente influenciada por esta suposta natureza competidora dos seres humanos.

O apoio mútuo aparece também como elemento fundamental nas Comunas Rurais na Rússia e na lógica do trabalho coletivo. Kropotkine constatou que essa mesma ajuda mútua representava um marco organizativo do território camponês. O apoio mútuo para esse autor, entretanto, só pode se realizar plenamente por meio de uma organização política contrária a organização Estatal.

Isso porque fundamentalmente o desenvolvimento do apoio mútuo na lógica das comunas rurais e sua lógica de trabalho coletivo é completamente oposta ao governo representativo, seja qual for o governo, este é um elemento fundamental no pensamento de Kropotkine.

Com base no apoio mutuo, Kropotkine faz o debate sobre o poder e sua construção territorial, e ataca frontalmente a governo representativo e o advento das leis, que caracteriza como dois outros grandes princípios, ou fundamentos, do sistema capitalista sacralizados no século XIX .

A monarquia foi substituída pela república, tendo esta última sido tratada por muitos cientistas como elemento responsável pelo grande desenvolvimento social, de participação política e de garantia de direitos, Kropotkine se contrapõe a esta tese e defende que a cada regime econômico corresponde um regime político, e que o governo representativo seja ele monarquista, republicano, ou mesmo de uma comuna revolucionária, sempre reproduzirá a desigualdade e a dominação de uma classe sobre outra. Para esse autor anarquista:

“O regime político a que (as sociedades) estão submetidas é sempre a expressão do regime econômico que existe no seio desta sociedade” (p.39), logo para “realizar uma revolução política profunda e durável, é preciso realizar uma revolução econômica. Mas, por causa mesmo da íntima ligação que existe entre o regime político e o regime econômico, é evidente que uma revolução no modo de produção e de repartição dos produtos não poderia se operar se não se fizesse paralelamente a uma modificação profunda dessas instituições que geralmente se designam sob o nome de instituições políticas. A abolição da propriedade individual e da exploração que dela é consequência, e o estabelecimento do regime coletivista ou comunista seriam impossíveis se quiséssemos conservar os nossos parlamentos e os nossos reis. Um novo regime econômico exige um novo regime político.” (KROPOTKINE, 1987: 40)

Assim, seguindo a lógica do pensamento anarquista de Kropotkine na definição de poder e sua respectiva espacialização - o território - temos a seguinte tese: a construção de um território no qual prevalece o trabalho coletivo e o uso coletivo da terra, como ocorreu nas comunas rurais na Rússia, necessariamente exigiria o autogoverno, ou ao exercício do poder autogestionado, pois:

“Monarquia ou república, pouco importa! O povo que não se governa por si mesmo, é governado por representantes (melhores ou piores) escolhidos. Proclamará a sua soberania, mas irá apressar-se a abdicar dela. Elegerá, bem ou mal, deputados, que vigiará ou não, e serão estes que se encarregarão de regular a imensa diversidade de interesses desencontrados, de relações humanas tão complexas no seu conjunto.”(p. 41) “Uma organização política nascida das verdadeiras necessidades da humanidade e da concepção de que a melhor maneira de ser livre não é sendo representado, nem abandonando as coisas, todas as coisas, à providencia ou a eleitos, mas fazê-las por si mesmo.” (KROPOTKINE, 1987: 43)

Kropotkine escreve entre o final do século XIX e início do século XX, antes mesmo da revolução Russa acontecer, revolução a qual pôde acompanhar de perto, e sobre a qual foi profundamente crítico, sobretudo no que concerne a manutenção do Estado por meio da chamada ditadura do proletariado, a qual, desde o início, Kropotkine criticou, inclusive diretamente ou por meio de cartas que tinham como destinatário Lênin:

“Uma coisa é indiscutível. Mesmo que a ditadura do partido fosse a tática adequada para assestar um golpe no sistema capitalista (coisa que duvido muito), de qualquer modo é danosa para a criação de um novo sistema socialista. O que é necessário são instituições locais, forças locais, mas elas não existem. Em vez disso, onde quer que se olhe, só se vê pessoas que não sabem nada da vida real e que cometem os maiores erros, que depois são pagos com milhares de vidas e a destruição de distritos inteiros. (...) Sem a participação das forças locais, sem uma organização a partir de baixo dos camponeses e operários, por si mesmos, é impossível construir uma nova vida” (KROPOTKINE, 1920 - segunda carta a Lênin)

Considerando os vários processos históricos e revoluções sociais em diversos países pelo mundo, a análise social deste autor torna-se mais significativa ainda. Kropotkine é um dos primeiros a questionar frontalmente a idéia de trazer para o campo da análise social as idéias darwinistas de evolução construídas a partir da competição individual, e uma série de outras teorias justificadas a partir do modelo darwinista que deram origem ao que posteriormente o pesquisador francês Alain Caillé, junto com outros, chamou de “mito do Homo Economicus” e que justificaria e explicaria grande parte das relações humanas motivadas por interesses individuais economicistas. Nas palavras de Caillé:

“Até então, a teoria econômica havia se contentado em pretender explicar o comportamento do homem no mercado. Desde a década de 70, manifestou a pretensão de dar conta do conjunto de atividades sociais; como se até mesmo na relação com o saber, nas relações entre amigos, no amor ou no crime, assim como na religião, o homem funcionasse como na situação de mercado, comprando o que deseja e vendendo aquilo que não tem necessidade. E no conjunto das ciências sociais, a sociologia, a antropologia, a história e a filosofia política aceitavam essa hegemonia do modelo econômico; na época ainda não sabíamos que esse movimento, que nos surpreendia nas áreas das idéias, anunciava uma mutação ainda mais radical, uma mutação do mundo real que tomamos o hábito de designar como o da globalização, mas que poderia também ser organizado como a formação de um mega capitalismo, um capitalismo que mudou de escala e teve acesso a

onipotência, subordinando à lei do mercado tudo que ainda lhe escapava. Nesta evolução como se vê, o movimento das idéias foi decisivo; tornou-se necessário que as mentes se modificassem para que fosse possível proceder a mudanças até então impensáveis. Se queremos inventar novas regulamentações do capitalismo, utilizando seu dinamismo de modo a impedir que venha a destruir tudo à sua passagem, devemos aprender a lançar um novo olhar sobre a ação social e sobre o sujeito humano”<sup>3</sup>

Se é verdade que o interesse e o cálculo utilitarista fazem parte do mundo no qual vivemos, e, aparentemente, se mostra hegemônico, Kropotkine junto com outros, incluído mais recentemente pensadores como Taussig e Marshal Sahlins nos ajudam a compreender que esta forma utilitarista de olhar o mundo e as relações sociais foi prática e teoricamente construída no período do surgimento do capitalismo que também é o período da consolidação da ciência moderna, neste contexto, o qual Sahlins trata como cosmologias do capitalismo, várias teorias foram “naturalizadas” e reproduzidas sem maiores análises críticas em detrimento de outras que foram colocadas no ostracismo, neste ostracismo incluído pensadores anarquistas como os geógrafos Pierre Kropotkine e Elisée Reclus entre muitos outros.

O questionamento ao interesse utilitário, a esta “razão prática”, no sentido de olhar e interpretar as relações sociais, vem sendo feita por vários autores entre os quais Marshal Sahlins. Esse autor assim se expressa no início de seu livro intitulado “Cultura e Razão Prática”:

“Para alguns, (...) a cultura deriva da atividade racional dos indivíduos na perseguição de seus melhores interesses. Este é o “utilitarismo” propriamente dito: sua lógica é a maximização das relações meios-fins. As teorias da utilidade objetiva são naturalistas ou ecológicas. Para elas, o saber material determinante substancializado na forma cultural é a sobrevivência da população ou da ordem social dada. Contrapondo-se a todos esses gêneros de espécies de razão prática, este livro apresenta uma razão de outra espécie: a simbólica ou significativa. Toma como qualidade distintiva do homem não o fato dele viver em um mundo material, circunstância que compartilha com todos os outros organismos, mas de fazê-lo de acordo com um esquema de significativo criado por si próprio, qualidade pela qual a humanidade é única.”(1979, p.8)

A essa crítica sobre a razão prática e a visão utilitarista evocamos as afirmações de Kropotkine, quando tratando das relações entre base econômica e relação política, esse autor não fala de cultura, mas quando se refere a revolução vai além de visões práticas no sentido de que uma mudança econômica seria suficiente para uma transformação geral, ou que apenas a mudança econômica resultaria na transformação total da sociedade segundo Kropotkine “... *por causa mesmo da íntima ligação que*

---

<sup>3</sup> Introdução feita por Alain Caillé no livro: “A dádiva entre os modernos”, Paulo Henrique Martins (org.)

*existe entre o regime político e o regime econômico, é evidente que uma revolução no modo de produção e de repartição dos produtos não poderia se operar se não se fizesse paralelamente a uma modificação profunda dessas instituições que geralmente se designam sob o nome de instituições políticas.*” ou seja, uma transformação simbólica, cultural, aqui tratada como política pelo autor se faz tão importante e relevante quanto a base econômica pois “um novo regime econômico exige um novo regime político”.

Para Kropotkine a sociedade humana existiu desde sempre, e é anterior a própria existência de indivíduos, não nasceu de um pacto de não agressão nem de contratos, “*O homem para ele, não é o que é senão por sua sociabilidade, isto é, pela forte tendência ao apoio mútuo e à convivência permanente. Opõe-se assim ao contratualismo, tanto na visão pessimista de Hobbes (Honro homini lúpus), que fundamenta o absolutismo monárquico, como na otimista de Rousseau, sobre a qual se considera baseada a democracia liberal. Para Kropotkine como para Aristóteles, a sociedade é tão natural ao homem como a linguagem.*” Ou seja, a sociedade existe antes e para além do Estado e suas relações foram estabelecidas pela sociabilidade, pela forte tendência de apoio mútuo, ora esta argumentação tem muitas semelhanças com o que hoje é um dos paradigmas das ciências sociais: a dádiva, dar, receber e retribuir, uma regra social profunda que cria vínculos, laços, relações fortes e duradouras. O fundamento desta regra social foi desenvolvido por Marcel Mauss no seu célebre *Essais Sur Le Don*, publicado em 1924. Segundo Martins:

“Mauss compreendeu que a sociedade é primeiramente instituída por uma dimensão simbólica, e que existe uma estreita ligação entre o simbolismo e a obrigação de dar, receber e retribuir em todas as sociedades, independentemente das mesmas serem modernas ou tradicionais.(...) O que circula tem vários nomes: chama-se dinheiro, carro, moveis, roupas, mas também sorrisos, gentilezas, palavras, hospitalidade, presentes, serviços gratuitos, dentre muitos outros. Para Mauss aquilo que circula influi decisivamente sobre como se forma os atores e como se definem seus lugares na sociedade. (...) Tal entendimento o levou a entender que o surgimento dos vínculos sociais em diferentes sociedades está sempre condicionado, primeiramente, aos modos como circulam os bens simbólicos, isto é, as dádivas, entre os indivíduos no interior do grupo social.”(MARTINS, 2001)

Ora, parecem existir profundas ligações entre o dar, receber e retribuir e as práticas de apoio mútuo, este último dá-se também por meio de ações contínuas de apoio que são recebidas e retribuídas criando laços sociais profundos, torna-se como o dom, um princípio, uma relação, apoiar e ser apoiado independe do Estado ou de Instituições.

O apoio mútuo aparece também como elemento fundamental na lógica do trabalho coletivo, assim, podemos pensar nas múltiplas e variadas formas de mutirões, e de ações coletivas seja entre, camponês, quilombolas, povos tradicionais seja nas grandes cidades, nos bairros. O apoio mutuo nos ajuda a compreender muitas práticas e ações coletivas que ocorrem até hoje e que não são fundamentadas num cálculo economicista, mas que, como as dádivas, são ações que criam vínculos profundos e igualmente produzem formas organizativas autônomas, existem independentes da ação do Estado, e que tem no apoio mutuo alguns dos seus nexos de criações de vínculos e regras próprias.

Por fim buscamos fazer alguns nexos relacionando a quase nenhuma referência que se encontra atualmente nos meios acadêmicos a teorias de pensadores anarquistas entendendo que este fato é fruto de disputas do campo científico-acadêmico que priorizaram teorias e pensadores que justificaram a própria criação do capitalismo e de seus mitos fundadores. A partir de meados do século XX, esses mitos foram mais duramente questionados por outros pensadores entre os muitos citamos Taussig e Sahlins, além de Cailé um dos fundadores do Movimento Antiutilitarista nas Ciências Sociais.

O que todos esses pensadores possuem em comum é o fato de criticarem o que foi naturalizado sem maiores reflexões por pensadores que transformaram os mitos e cosmologias do capitalismo em verdades científicas. Nesse processo, os pensadores anarquistas, entre os quais aqui tratamos inicialmente apenas de Kropotkine e de sua obra sobre o apoio mútuo, têm muito a contribuir.

Nesse contexto, se faz necessário reler autores que foram colocados no ostracismo pela marcha da ciência, e essa visita à “Sibéria” tem propiciado retomar diálogos com pensadores que estiveram nas bordas como exemplo Simmel e em menor escala Mauss, esses diálogos tem sido bastante frutíferos para o desenvolvimento das ciências sociais.

Outro fator que destacamos como importante é a idéia tão bem desenvolvida por Kropotkine a cerca do que chamou o apoio mútuo, entendendo como um processo de construção de vínculos que tem muito a nos dizer sobre o trabalho coletivo desenvolvido nos mais diversos contextos sociais, além disso, parecem existir relações profundas entre o apoio mútuo e a dádiva (o dar, receber e retribuir), como ações que geram vínculos e formas organizativas.

**Bibliografia:**

TAUSSIG, Michael T. O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

KROPOTKIN, Piotr. Apoio Mutuo. Distribuído por BIBLINDE, 2006. Versão em língua espanhola. (coletado do site: [biblinde.110mb.com](http://biblinde.110mb.com))

MARTINS, Paulo Henrique (Org.). A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002.

SAHLINS, Marshal. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro: ZAHAR editores, 1979.